

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 25 de maio de 2011**

*Texto de referência: “Se alguém está em Cristo, é uma criatura nova”,
Suplemento de Passos, junho/2011, São Paulo, pp. 12-26.*

- *La guerra*
- *Non son sincera*

Glória

Carrón: Começo lendo uma carta que um de vocês me enviou: “Escrevo para pedir ajuda sobre a questão do método, ponto que ainda não está claro para mim. Outro dia, enquanto fazia exercícios em meu instrumento – sou musicista –, fiz essa analogia: quando preciso fazer uma passagem virtuosística muito rápida, difícil de afinar e sobre a qual tenho dificuldade, o que preciso fazer? Paro, faço o trecho mais devagar, divido-o em partes, analiso, foco no problema: em suma, enfrento-o com um método técnico e bem preciso. E, pouco a pouco, é como se aquelas notas difíceis se iluminassem e, depois desse percurso, começo a ter um verdadeiro conhecimento daquela música. E, aqui, me vem a pergunta: ‘Quando me deparo com as complicações da vida, como me movo? Como as enfrento? Tenho uma hipótese de trabalho assim?’. É inútil mentir para mim mesmo, senti-me perdido”. Vocês entendem qual é o problema? Porque ele, embora dedique tanto tempo à música, estará sempre fora do tempo da vida (a música é uma parte da vida). Sobre certas atividades, nós temos um método com o qual conseguimos enfrentar as passagens complicadas, mas quando diz respeito à vida, sentimo-nos perdidos, mesmo que tenhamos tido muitas outras ocasiões para aprender. Por isso, quando Dom Giussani insiste sobre o método, não é por causa de uma ideia fixa, mas porque senão, como testemunha este amigo, não conseguimos aprender, e depois de muitas tentativas ficamos perdidos. Ele continua: “Se alguém me perguntasse: ‘Olha, como você enfrentaria essa passagem difícil da música?’, eu teria um método verificado e aprovado para indicar. E para as circunstâncias da vida? Lendo suas colocações, vendo você na última Escola de Comunidade, disse a mim mesmo: chegar a tal certeza sobre Cristo só deve ser possível através de um método científico [um método, digamos] como o que uso para a música. Não me parece estar exagerando se digo que, ao desejar um método científico, eu desejo entrar em todas as circunstâncias sem ter aquela postura um pouco indiferente, confuso, incomodado, com um ‘vamos ver o que acontece!’ [essa é, normalmente, a maneira com a qual nós enfrentamos as circunstâncias, vemos o que acontece, se por acaso acontece, porque é como se tudo o que provamos (porque seria esta a palavra) não nos tivesse feito fazer experiência, de fato, não cresceu, não tornou-se nosso]. E vivo sempre tateando, no escuro. O que ouvimos as pessoas dizerem diante da morte dolorosa de um jovem que em breve se tornaria pai? ‘Diante de um fato assim, não tenho palavras’, essa é uma frase que se diz. Mas eu quero gritar: ‘Uma ova que não há palavras, Cristo venceu isto também!’, mas não posso dizer algo assim apenas por dizer [esse é o ponto: não posso dizer isso, gostaria de dizer, mas não posso!]. Peço ajuda porque me dei conta de que dizer que o método é seguir Giussani, que o método é a experiência, ainda não tem a mesma cientificidade que vejo em você e que eu, por enquanto, só tenho em relação ao meu instrumento”. Amigo, eu não tenho mais nada para lhe dizer a não ser aquilo que já digo, mas a questão é que a “cientificidade” só pode ser alcançada se você levar a sério o método e o verificar. Não tenho nada a acrescentar, não tenho nenhum livro escondido, ou alguma instrução de uso diferente; porém, como você já tem um método verificado na experiência, pode aprender somente se arriscar usá-lo. Por isso Dom Giussani nos propõe um caminho, não um milagre: um método. E o método é a experiência. E como é possível aprender essa experiência? Como podemos fazê-la? Através da tentativa, tentando usar aquilo que você entendeu e, depois, voltando ao texto para tentar entender o que aprendeu. Isto é, é um trabalho, é uma comparação sem tréguas entre a minha tentativa e aquilo que o texto diz. Na primeira vez, não entendemos nem mesmo um décimo daquilo que o texto nos diz, porque não é

possível entender refletindo abstratamente sobre o texto, mas aprendemos arriscando e, depois, quando o releemos, exclamamos: “Ah, isso tinha me escapado!”, e depois, tentamos usá-lo mais uma vez, e voltando ao texto, dizemos “Ah, isso também tinha me escapado!”, e veremos como se torna cada vez mais nosso. Nos Exercícios, citei o desabafo de Dom Gius: “Há trinta anos, quando comecei a dizer essas coisas, não pensava que, depois de trinta anos, precisaria repeti-las tantas vezes para que as pessoas que já caminham na mesma estrada há dez anos entendessem!”. Ninguém leva a sério, “cientificamente” – se quiserem dizer assim –, aquilo que ele diz. E por isso, a pessoa, na música (também porque o pagam) é implacável, mas na vida acredita que pode se permitir ser menos preciso... Sem caminho não há certeza, porque a verificação está na experiência, está na vida, não nos nossos pensamentos. Sem fazer esse caminho, ficamos como me escreve um de vocês: “Diante da frase [olhem, frases elementares!]: ‘A fé é uma experiência presente’, fico muitas vezes como um bobo – mas tenho a impressão de que isso acontece também em minha volta –, sem sequer entender o que a frase significa, como se estivesse diante de hieróglifos egípcios dos quais não entendo o sentido, porque não sei o que quer dizer ‘fé’ (muitas vezes confundida com sentimentalismo ou com moralismo chegando a se exprimir em ritualismo ou associacionismo), porque não sei o que quer dizer ‘experiência’ (muitas vezes confundida com emoção ou imaginação). Quando você me pede para fazer o trabalho de surpreender em ação meus fatores constitutivos, sinto como se me pedisse algo fora de mim [não, está ao seu alcance, é fácil, mas é preciso um trabalho: todos chegamos a uma certeza sobre nossa mãe quando éramos pequenos, chegar à certeza é possível a qualquer um, qualquer um]. É como se estivesse correndo os 100 metros rasos e na metade do caminho me pedisse para parar para olhar os metros percorridos. Um esforço imenso contra a tendência de correr: inútil, uma perda de tempo. No entanto, diante do nascimento de um filho, da doença de um amigo, da perda do trabalho, a pessoa reage. Então, entendo que a única possibilidade de descobrir é fazer esse percurso”. Bastaria fazê-lo para começar a entender! Não pensem que é possível aprender com abstrações, dizendo aquilo que nos vêm à cabeça! E agora tivemos a possibilidade estupenda de fazer uma verificação, por isso falamos das eleições como a verificação da fé. Um fato onde cada um viu como se envolveu ou não, o que aprendeu ou não (não refletindo sobre as eleições ou sobre os Exercícios de maneira abstrata).

Colocação: *Nos Exercícios da Fraternidade fiquei muito tocada com a maneira com a qual você iniciou, porque é como se eu nunca tivesse percebido – como dessa vez – que o contragolpe de Cristo ressuscitado é o despertar do eu, e é o despertar do eu como mistério. Isso me impressionou muito, porque nunca tinha relacionado essas duas coisas: dou-me conta de que Cristo ressuscitou porque me sinto reviver. Para dar-me conta de Cristo ressuscitado preciso da realidade e para mover-me preciso de ocasiões como as eleições. Não nos movemos mais por causa de uma razão dentro da política. Percebi que, para me mover preciso dizer a mim, antes do que aos outros, a minha experiência inteira. Desse ponto de vista, fico impressionada com o fato de os Exercícios da Fraternidade não serem – como muitas vezes ouvi dizer – um conteúdo intimista, mas um juízo histórico, o mais pertinente a esse momento histórico porque só um “eu” provocado nesse momento se move, senão há uma imobilidade que tem como antecâmara uma reatividade contra alguém! Fiz muitos encontros viajando pela Itália por ocasião das eleições, e o episódio que mais me impressionou foi o encontro com a presidente de um partido importante em uma grande cidade onde aconteciam as eleições. Ela ficou tão tocada por aquilo que dissemos no encontro que perguntou se poderia jantar conosco. E assim que sentamos à mesa, ela me olhou e disse: “Por que você é cristã? Como encontrou Cristo?”. Eu lhe contei como eu tinha encontrado Cristo e fiquei petrificada, porque ela me disse: “Agora eu entendo porque eu me movi e me movo: porque tenho um desejo que só fica claro para mim tocando a realidade como se estivesse no escuro, porque eu me movo no escuro e espero que as coisas que acontecem me façam entender algo de mim mesma. Agora entendo o que me falta: não me falta Deus... me falta uma autoridade. Falta-me um pai, porque você vive o mesmo drama que eu vivo, mas você não o vive no escuro, mas com uma clareza, enquanto eu, o vivo no escuro”.*

Carrón: Ou a clareza do filho ou a escuridão do órfão.

Colocação: *Quero falar sobre as eleições, antes de mais nada, contando um fato: no fim de semana, explodiu em Milão um vulcão, que é o Movimento, porque mudou fisicamente a vida da cidade, porque seguindo o grupo dos universitários (CLU) todo o Movimento se moveu. O que quero dizer é que não foi o movimento atrás de um chefe de um rebanho desordenado, pelo contrário. O clima é violento, há quase uma intolerância física a uma presença que se coloca. Diante disso, naturalmente, há duas reações: uma é a reação furiosa (você se sente ameaçado e responde à altura), a outra é o desânimo (porque fazem você chorar, riem de você, excluem você). Mas, no Movimento em Milão, domina um clima de letícia que há anos não via, letícia que responde à agressão com razões para votar, repetindo-as e introduzindo-as com uma paciência em certos casos impressionante. Conto apenas um episódio. Um egípcio agredia um grupo dizendo: “Vocês são contra os imigrantes”. Então, dois jovens árabes que frequentam a Obra Portofranco, tomaram a frente e responderam: “Não é verdade, eles nos defendem, são os únicos que realmente gostam de nós”, e começaram uma longa discussão em árabe. Letícia e plenitude de razões. Então, eu disse: aqui, há algo estranho, excepcional, como se o desejo visse a presença do Mistério em ação e este desse a correspondência e as razões. Lembro de Dom Giussani, quando dizia que diante dos bárbaros, os monges permaneciam, porque tinham uma certeza. Recebi uma mensagem que dizia: “Estão nos mandando embora, mas nós não vamos”. Ficamos. Porém, quero dar a razão que, a meu ver, também volta à questão levantada na primeira colocação. Estávamos na confusão, mas Carrón manteve-se firme e nos fez ver-nos em ação na última parte dos Exercícios, quando falou da autoridade que desafia o coração. Porque quando falou da verificação da fé, citando as semanas em que estavam em dificuldades, é como se tivéssemos feito experiência de uma autoridade não robotizada, que não está fechada numa torre, mas que nos diz: “Experimente, veja, verifique”. Primeiramente, olhando para os universitários, um a um se moveu, não o grupo: um a um, seguimos esta autoridade. Eu responderia assim a pergunta inicial sobre o método: aqui, estamos fazendo a experiência de algo ainda maior do que as eleições, isto é, que seguir uma autoridade não como ordem (“Vote assim”), mas como desafio das razões, faz redescobrir o humano de uma maneira que, a meu ver, é para sempre, é como uma passagem definitiva. Diante de uma autoridade que lhe diz: “Olhe para o seu desejo, vá até o fundo”, você se torna protagonista de uma presença que, a meu ver, permanecerá, não importa quem ganhe as eleições, porque é uma presença que sente que aquilo que está vivendo ninguém mais pode lhe tirar, e que também a coisa mais eficaz. Mas, sobretudo, me parece que estamos começando a verificar o que quer dizer o método da experiência, um desejo que é redespertado por alguém que redescobre a Presença que antes não via.*

Carrón: Releio aquilo que você disse agora, porque essa autoridade não sou eu, muitas vezes não fui eu. Eu apenas disse: “Verifiquemos a fé”, mas o que significa verificar a fé? Não é “a imagem robotizada de autoridade ou de guia, quase como se fossem indivíduos fechados dentro de uma torre da qual lançam sinais”, dissemos nos Exercícios, citando Giussani. Mas, “a autoridade é uma pessoa vendo a qual se vê que aquilo que Cristo diz corresponde ao coração. O povo é guiado por isto”. Pode ser a própria filha, pode ser o universitário, pode ser o vizinho, pode ser o amigo. E isso fez nascer a vontade a quem não a tinha. Porque o método é o mesmo, é uma experiência em ato. E qualquer um, se olha para si e porque se moveu, poderá reconhecer isso, poderá ver que possibilidade essa explosão lhe ofereceu, exatamente quando parecia que as condições o levariam a dizer: “Agora desistimos”. Porém, aconteceu o contrário, está acontecendo o contrário.

Colocação: *Durante as eleições vivi a experiência da verificação da fé da qual vocês estão falando. Em um contexto parecido com o colocado anteriormente, uma manhã eu panfletava em um mercado onde a maioria das pessoas ou era cética ou cheia de raiva (normalmente, as duas coisas!). A certo ponto, uma senhora começou a me agredir de longe. Então eu comecei a lhe responder de longe e, pouco a pouco, nos aproximamos, e ela lançou em mim toda a sua raiva pela situação política, etc. Num certo momento, enquanto expressava sua raiva, eu a detive e disse: “Tudo bem, senhora, dentro de tudo isso, qual é o problema? Quer dizer, por que a senhora está*

com tanta raiva?”. E, então, ela começou a me contar que seus dois filhos perderam o emprego e não tinham dinheiro para sustentar seus netos. E então, aconteceu algo em mim: percebi que experimentava uma vibração diante da necessidade daquela mulher que era inimaginável antes, que não é algo que programamos porque o máximo que podemos conseguir quando programamos isso é dilatar o sentimento que temos naquele momento. Mas, ali, aconteceu outra coisa, aconteceu uma paixão pelo destino dela que é algo que muitas vezes queremos poder viver em relação às pessoas que amamos e que, ao contrário, não acontece. Então, com muita simplicidade, disse a ela: “Senhora, farei tudo o que puder pela senhora, vou me empenhar para conseguir uma entrevista de emprego para seus filhos”. Ela parou de me agredir, me abraçou, começou a apertar as minhas mãos e começou a chorar: “Ninguém me ajuda, ninguém me ajuda e você, sim”. E, ali, me surpreendi fazendo a experiência do quê é capaz de romper aquele ceticismo que muitas vezes parece intransponível: essa vibração diante do outro que só começou a acontecer depois que encontrei Cristo, depois que fui olhado assim. Eu posso estar diante de uma necessidade dessa maneira porque encontrei Quem a preenche e, por isso, o primeiro critério com o qual me movi a partir disso foi apoiar com todas as minhas energias, através da panfletagem, aquele que – neste lugar que é a Igreja, o Movimento – permite viver livremente e propor-se como resposta à necessidade do homem.

Carrón: Que alguém seja insultado desse modo e que isso não prevaleça como reação, mas que se surpreenda vivendo essa vibração diante da necessidade, esta paixão pelo destino de uma outra pessoa até o ponto de se abrir uma possibilidade de diálogo! Ele se fazia a pergunta: “O que é capaz de romper esse muro?”. Apenas uma razão política? Às vezes, nós precisamos nos fazer a pergunta: o que quer dizer incidência histórica, o que move o homem no seu íntimo? Porque o que veio à tona nessas eleições foi que situações como essas se multiplicaram infinitamente, e que todos aqueles que entre nós não fizeram uma experiência não foram capazes de estar diante dessas situações. Por outro lado, apenas quem fez essa experiência pode ficar, sem fugir, abrindo uma possibilidade, rompendo o muro. Então nos perguntamos: Cristo, querendo incidir sobre a história, errou o método criando a Igreja em vez de um partido político? E, do mesmo modo: Dom Giussani errou fazendo um Movimento e não um partido político com uma ordem de escuderia? Se não entendemos isso, sempre pensaremos que seria melhor fazer outra coisa, que seríamos mais incidentes historicamente fazendo outra coisa. Mas essa explosão não teria acontecido a não ser pelo motivo que estamos vendo! Se não saímos dessas eleições com esta clareza, não adquirimos esta consciência, depois, inexoravelmente retornaremos ao velho esquema, porque não aprendemos e não julgamos algo de novo. Como me escreve esta jovem que panfletava na frente de uma igreja: “Em primeiro lugar, me impressionou ver a violência verbal com a qual fui tratada, e me perguntei: ‘Como isso pode ser tão violento?’. E também me perguntei: ‘O que aconteceu comigo para que consiga ficar diante deles sem entrar no seu jogo?’. E me surpreendi – segundo ponto – com o alcance do encontro em minha vida. Encontrei pessoas que me desafiam sempre a dar a razão e, sobretudo ontem, dei-me conta de que este é um fator excepcional, porque para nós que estávamos ali foi urgente nos perguntarmos o que estávamos aprendendo. Terceiro: encontrei pessoas que não tiveram medo da minha liberdade. De fato, aqueles que nos acusavam censuravam isto, e isso me fez entender a absoluta falta de estima das pessoas e, mais importante ainda, me fez redescobrir a que ponto sou amada, não sou mantida sob uma redoma de vidro esperando que nunca me depare com circunstâncias e situações que exijam um juízo meu. Pelo contrário, nosso trabalho de verificação da fé acontece em campo. Surpreendi-me tendo uma gratidão ainda mais consciente pelo Movimento, pelas pessoas que encontrei, que é algo realmente único: por um lado, o fato de ser estimulada a usar a razão e a dar um juízo finalmente meu, por outro, a estima pela minha liberdade. Dei-me conta de que estes são os dois sinais da verificação da fé”. Quem descobriu isso? Quem, entre nós, tornou-se mais consciente do alcance histórico da fé? Aquele que se envolveu jogando-se totalmente nessa proposta (que não é uma ordem de escuderia), e a verificou, e viu nela a conveniência humana. Trata-se de um exemplo da frase que sempre citamos de Giussani: a fé torna-se uma experiência presente confirmada na realidade. Essa pessoa, vivendo uma experiência no presente, não uma recordação do passado, encontrou na própria experiência a conveniência humana da experiência que

estava fazendo: e isso é o que poderá fazê-la resistir em um mundo em que tudo diz violentamente o oposto. Leio para vocês outro testemunho (de uma universitária que escreve a uma amiga). “A panfletagem é um dínamo para a fé e para a humanidade, é belíssimo surpreender-se em movimento estando livre [olhem o que ela diz!] por causa de uma gratidão que já existe e que cresce em ação. Disse aos meus pais que estou panfletando e por quem estou fazendo isso, e não aceitaram bem a notícia: ‘Eles lhe deturparam, você é uma falsa cristã’, etc. Porém, todas as objeções que eles e outras pessoas me jogaram na cara não arranham a minha certeza. Ao contrário, é cada vez mais razoável, e eu estou cada vez mais livre, enquanto os outros, com o passar do tempo estão cada vez mais irritados, em qualquer lugar que estejam. Isso também é significativo, porque eu não fui convencida dialeticamente, mas fiquei e continuo com vocês. Então, tornam-se cada vez mais meus [meus!] os critérios ideais do Movimento, juntamente com o realismo e a paixão de praticá-los. Assim, não preciso torcer o nariz diante da política que não me agrada, porque tenho claro a origem e o objetivo. Nisso, verifico a fé, isto é, descubro que me plasma até o ponto de manifestar-se na maneira como me lanço também na política. Domingo, panfletei na saída da missa do final da tarde. Como tinha ficado distraída no início da tarde, durante a missa pedi-Lhe em particular, para que eu me recuperasse. Quando saí para panfletar encontrei quatro jovens que estavam ali pelo mesmo motivo e uma delas catalisou imediatamente toda a minha atenção [alguém catalisou a atenção: a autoridade] por causa da expressão que tinha: um esplendor que mostrava o quanto estava contente. Como me aproximei e fiquei olhando para ela (que embarço!), ela me perguntou por que. E eu, em vez de responder, perguntei seu nome e o que fazia. Nesse momento, chegaram duas amigas e elas também ficaram fascinadas com a expressão dela. No final da panfletagem nos despedimos dela e fomos embora. Depois, nós três tivemos a mesma reação: ‘Com certeza, ela é do Grupo Adulto!’. Continuei pensando nela, porque nunca entendi a vocação de São Mateus. Como é possível que um olhar seja motivo suficiente para largar tudo e seguir? Ele lhe disse: ‘Siga-me’, e O seguiu. Como deve tê-lo olhado! Agora sei que é possível porque se naquele momento ela tivesse me dito: ‘Vamos’, eu teria ido sem dúvida, literalmente conquistada. O eterno [o eterno!] veio olhar para mim, para mim, desse modo”. Por quê? Por causa daquele relacionamento com a Ressurreição do qual falava a primeira colocação. Os vivos, os vivos! Não os sentimentais, os vivos! Que podem desafiar os outros com essa intensidade de vida.

***Colocação:** Diante daquilo que está acontecendo tenho dois sentimentos prevalentes que me determinam muito. O primeiro é a gratidão por aquilo que vejo acontecer, por aquilo que foi contado também aqui, pelo trabalho que estamos fazendo. Porque tenho certeza de que sem o trabalho que estamos fazendo, sem a insistência no trabalho, não só muitos destes fatos não teriam acontecido – e esse é um dado com o qual é preciso sermos leais –, mas não teria me dado conta do alcance que têm. Isto é, nunca teria me dado conta do peso que tem sobre mim estar afastado do ceticismo, estar contente, vibrante, nunca teria me dado conta do alcance que tem historicamente o fato de que encontramos pessoas e as afastamos, as tiramos fisicamente do ceticismo, do fato de que existem pessoas que entram dentro desse moedor de carne, esta centrífuga em que tudo nos eliminaria, e permanecem unidas, contentes, felizes. Em suma, não teria me dado conta do alcance da experiência que estou fazendo. E outra coisa, o outro sentimento que carrego é uma inquietude, um desejo, quase um ímpeto, porque o que prevalece agora é que eu quero conhecer cada vez mais o que torna isso possível, o que está na origem disso, o que está fazendo acontecer essas coisas que vejo, porque não posso mais reduzi-las a uma questão de eficiência, de organização, de vitória ou derrota numérica, de inteligência, de quanto somos capazes, de quanto somos mais capazes do que os outros. Eu preciso entender qual é a origem dessa coisa que está me deslocando e aos outros.*

Carrón: E este é o trabalho a ser feito: entender. Terminei lendo um texto de Dom Giussani, que reage diante de alguém que não entendeu essa origem: “Um dia de 1969, Giussani está andando pelos corredores da Universidade Católica, ‘onde dominava a revolução’, quando se depara com ‘um rapaz que dizia energicamente (evidentemente tinha entrado para a revolução), dizia: Se não encontrarmos as forças que fazem a história, estamos perdidos! [ele pertencia à nossa história, mas não tinha se dado conta do seu alcance e não tinha entendido a sua origem: quais são as forças que

mudam a história]. Não quero entrar na descrição da ingenuidade última – como é toda ideologia que pretende a universalidade – desta frase. Quero simplesmente dizer aquilo que me veio como contragolpe dentro do coração quando ouvi o que ele afirmava: que as forças que movem a história são as mesmas que tornam o homem feliz’. De fato ‘a força que faz a história é um homem que estabeleceu sua morada entre nós, Cristo’ [Não diz que a força que muda é o sentimento, a força que nos amedronta... não, ‘a força que muda a história é um Homem que estabeleceu sua morada entre nós, Cristo’]. A redescoberta disso impede a nossa distração como homens. O reconhecimento disso introduz nossa vida na inflexão da felicidade, mesmo que esteja intimidada e cheia de uma reticência inevitável”. Giussani sublinha que “é no aprofundamento dessas coisas que a pessoa começa a se tocar pela manhã e sentir o próprio corpo mais consistente e a se olhar no espelho e sentir o próprio rosto mais consistente, sentir o próprio eu mais consistente e o próprio caminho entre as pessoas mais consistente, não é dependente dos olhares dos outros, mas é livre; não é dependente das reações dos outros, mas é livre; não é vítima da lógica de poder dos outros, mas é livre”.

Esta é a verificação da fé: *ubi fides ibi libertas* (onde há fé há liberdade). Qualquer um agora, como diante de qualquer gesto que propomos, pode fazer a verificação do quanto está mais livre, do quanto está mais contente, do quanto está mais consistente, do quanto cresceu a consciência da origem, porque se essa consciência não cresce, mesmo que contemos fatos, acontecerá como dissemos na última vez: fatos sem juízos. E fatos sem juízos quer dizer que nós não aprendemos nada dos fatos e, por isso, no fim, continuamos a dar juízos sem fatos, isto é, somos ideológicos. Como se tudo o que encontramos não tivesse sido útil para entendermos mais o alcance daquilo que encontramos, isto é, para nos tornarmos mais conscientes de que as forças que mudam a história são aquelas que mudam o coração do homem, e que a força que faz a história é um Homem que estabeleceu sua morada entre nós, Cristo.

Veni Sancte Spiritus